

Pastore: a dívida ^{externa} começa a cair em 87

Da sucursal de
BRASÍLIA

A dívida externa brasileira começará a cair em 1987, quando o País eliminará o déficit em conta corrente do seu balanço de pagamentos, anunciou ontem o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, ao depor perante a CPI da dívida externa, na Câmara dos Deputados. "Se persistirem as tendências atuais da balança comercial e não houver surpresas nos juros internacionais e no volume do comércio mundial, é relativamente alta a probabilidade de o Brasil chegar ao déficit nulo em suas transações correntes de 1987" — observou Pastore.

Para evitar cobranças futuras, o presidente do Banco Central ressaltou que a sua projeção de queda líquida da dívida externa — possível com o superávit comercial superior ao déficit na conta de serviços, incluída a parcela de juros — tem certa margem de erro, diante das incertezas em relação aos juros internacionais e ao estreitamento dos mercados dos países desenvolvidos até como consequência do aumento dos encargos financeiros. Nas condições atuais, Pastore previu a confirmação da queda do déficit em conta corrente de US\$ 6,2 bilhões em 1983 para US\$ 5,3 bilhões, este ano, com novas reduções em 1985 e 1986, até zerar em 1987.

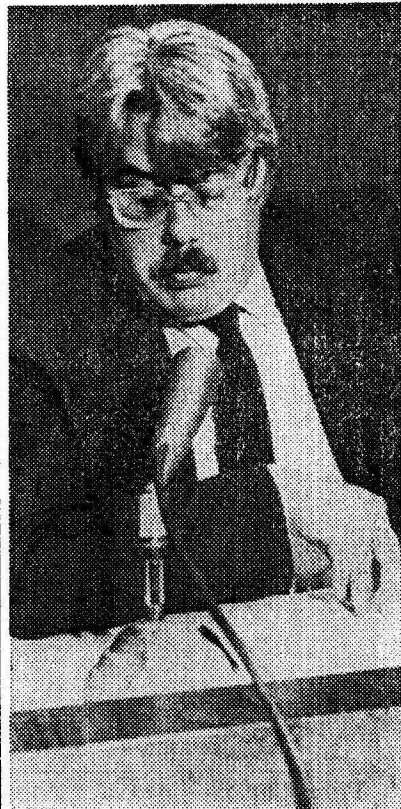


Foto Alencar Monteiro - Telefoto Estado
Conversações, só em agosto

Embora com a ressalva de que "o cenário não é de alta contínua", Pastore reconheceu que, a curto prazo, o quadro atual não permite otimismo em relação ao comportamento dos juros internacionais diante da contração da oferta monetária imposta pelo Federal Reserve, e a estimativa de déficit fiscal norte-americano de US\$ 200 bilhões, neste exercício.

Mas, a longo prazo, até o fato de as taxas do Euromercado não acompanharem a alta dos juros nos Estados Unidos reforça a perspectiva de que o custo dos empréstimos externos tende a cair. O presidente do Banco Central observou que os países credores sabem que os devedores não têm condições de suportar os efeitos de novas altas dos juros, não só pelo seu impacto direto nos serviços da dívida, como pela ameaça de voltar à recessão da economia mundial, acompanhada de depressão dos preços dos produtos de exportação das nações inditadas.

JUROS

Além da certeza de que todos estão convictos de que a recuperação da economia dos países desenvolvidos é fundamental para o ajuste da economia mundial, Pastore lembrou ainda que os Estados Unidos e a Europa não podem mais sustentar elevado índice de desemprego e de-



Arquivo

Serrano: mercado é arremedo

verão baixar os juros reais para criar empregos.

Por enquanto, o diretor da área externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, explicou que não existe o mercado financeiro internacional e sim um arremedo de mercado funcionando para cobrir as necessidades dos grandes devedores, através de negociações bilaterais nem sempre tranquilas. Segundo Madeira Serrano, só Deus pode dizer quando o fluxo de capital será normalizado.

O presidente do Banco Central revelou que as autoridades econômicas já estudam os termos da próxima etapa de renegociação da dívida externa, a vencer a partir de 1985, mas só iniciarão as conversações com os credores em agosto, quando esperam apresentar dados mais favoráveis de inflação e de superávit comercial em decorrência de medidas ainda em fase de implementação ou de ajuste. "Ainda é cedo para delinear os parâmetros da fase 3 de renegociação, mas o Brasil tentará obter o máximo no próximo acordo com os credores" — observou Pastore.

Com o superávit comercial de US\$ 2,44 bilhões acumulado no primeiro trimestre e baseado em crescimento das exportações, Pastore considerou possível ampliar em até 30% as importações do setor privado, no restante do ano.